

O TRABALHO DE VISIBILIZAÇÃO DOS INDÍGENAS NOS ESTUDOS SOBRE MINAS GERAIS:

o caso sul-mineiro de Virgínia e seus arredores

The work of visibility of the natives in studies on Minas Gerais: the case of
Virginia and neighborings municipalities, in Southern Minas

Gustavo Uchôas Guimarães¹

Artigo recebido em: 19/12/2019

Artigo aceito em: 30/03/2020

RESUMO

O estudo da História Indígena em Minas, hoje, tem vigor dentro da academia, podendo destacar, por exemplo, os estudos de Maria Leônia Chaves de Resende. Mas, há ainda grande lacuna em relação ao sul de Minas, que, no período colonial, foi dos principais pontos de circulação entre Rio/São Paulo e a região das minas de ouro, o que afetou as dinâmicas dos povos indígenas que viviam ou passavam ali. Este estudo propõe uma breve recapitulação do que vem sendo estudado sobre a História Indígena sul-mineira, com foco na Serra da Mantiqueira e no rio Verde, a partir do município de Virgínia, mostrando o que foi feito até agora e o que se pretende fazer para aprofundar as pesquisas e contribuir para o resgate e valorização dos elementos indígenas na sociedade sul-mineira.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas. Mantiqueira. Rio Verde.

ABSTRACT

The study of Indigenous History in Minas Gerais, today, has force within the academy, and can highlight, for example, the studies of Maria Leônia Chaves de Resende. But there is still a large gap in relation to the south of Minas, which, in the colonial period, was one of the main circulation points between Rio / São Paulo and the region of gold mines, which affected the dynamics of indigenous peoples who lived or passed. there. This study proposes a brief recap of what has been studied about the South Minas Gerais Indigenous History, focusing on the Serra da Mantiqueira and the Verde River, from the municipality of Virginia, showing what has been done so far and what is intended to be done. to deepen research and contribute to the rescue and valorization of indigenous elements in South Minas Gerais society.

KEYWORDS: Indigenous. Mantiqueira. Verde River.

¹ Graduado em Normal Superior (UNIPAC) e História (UNIFRAN), pós-graduado em Metodologia do Ensino de História e Geografia (Barão de Mauá) e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (UNINTER). Professor de História, efetivo na rede pública de Minas Gerais. Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8378612277582321> E-mail: virginenseuchoas@bol.com.br

1. Introdução

Virgínia é um município localizado no sul de Minas Gerais, cercado pela Serra da Mantiqueira, e que tem uma história documentada desde o início do século XVIII, incluindo os períodos em que esteve ligada aos territórios dos municípios sul-mineiros de Baependi, Itajubá, Cristina e Pouso Alto.

FIGURA 1 – Mapa da região da Mantiqueira



FONTE: <https://www.martinscardoso.com.br/port_serras> Acesso em: 24.jan.2019.

A presença indígena em Virgínia é atestada por documentos escritos desde o século XIX, além dos documentos que atestam, desde o século XVII, a presença indígena em regiões com as quais Virgínia teve ligação histórica e territorial. Porém, é notável também que, em muitos outros documentos, a presença indígena em Virgínia

e arredores é ignorada ou pouco mencionada, reflexo de mentalidades que embasavam os relatos históricos até o século XX.

O presente texto fará uma abordagem a respeito do que vem sendo estudado e produzido por mim, desde 2015, sobre a presença indígena em Virgínia e arredores, mostrando o trabalho para dar visibilidade a grupos que foram negligenciados em nome de perspectivas positivistas e eurocêntricas nos relatos históricos referentes ao sul de Minas. Lançando mão da análise bibliográfica como recurso metodológico, o texto explana os trajetos de pesquisa realizados até agora, o que foi encontrado e o que ainda será feito para se aprofundar as pesquisas.

No primeiro tópico, intitulado “Caminhos metodológicos”, serão detalhadas as metodologias utilizadas até agora para conduzir as pesquisas em História Indígena na Serra da Mantiqueira e no vale do rio Verde. O segundo tópico, intitulado “Presença indígena no espaço virginense e seus arredores”, abordará o que se tem a respeito dos indígenas na região pesquisada e analisada, com apontamentos sobre os povos ali presentes, os encontros e conflitos com os colonizadores, os apagamentos e negligências nos relatos históricos, as relações com o território pesquisado, entre outros assuntos relacionados. No terceiro tópico, intitulado “Possibilidades de pesquisas”, serão analisados os caminhos que ainda poderão ser feitos a partir do que já foi pesquisado e produzido.

1. Caminhos metodológicos

As pesquisas feitas por mim, a respeito da História Indígena na Serra da Mantiqueira e na região do rio Verde, iniciaram em 2015, a partir de um curso de extensão em Cultura e História dos Povos Indígenas, coordenado pela prof^ª Dr^ª Maria Leônia Chaves de Resende, na Universidade Federal de São João Del Rei (RESENDE et al, 2015).

Desde o princípio, foram parte da pesquisa as metodologias de análise bibliográfica e de entrevista. A priori, a análise bibliográfica buscava informações e abordagens em documentos referentes apenas a Virgínia, mas a escassez destes e os próprios desdobramentos da pesquisa levaram a análise de bibliografias produzidas sobre os municípios em torno de Virgínia. O aparecimento de histórias contadas por moradores de Virgínia levou à entrevista como método de pesquisa, seguindo o proposto por Thompson (1992): entrevista com pessoa de mais idade, priorizando o local onde o entrevistado mora e sem gastar muito tempo na entrevista.

Para que aconteça a análise bibliográfica, a pesquisa é feita em várias frentes (GUIMARÃES, 2019, p. 13): arquivos de museus, centros de documentação e memória, paróquias e instituições políticas; obras de escritores memorialistas; produções acadêmicas; bancos de dados com informações digitalizadas. Toda esta documentação, reunida nos últimos anos, fornece dados que possibilitam uma mais profunda análise da presença indígena nas regiões pesquisadas, abrindo caminho para posteriores aprofundamentos e desdobramentos.

2. Presença indígena no espaço virginense e seus arredores

A região pesquisada abrange os atuais municípios sul-mineiros de Virgínia, Pouso Alto, Itajubá, Cristina, Itanhandu, São Sebastião do Rio Verde e Baependi. Esta região ocupa parte da Serra da Mantiqueira e nela nascem diversos rios, com destaque para o Verde, que nasce no município de Itanhandu e corre pelo sul de Minas até desaguar no Sapucaí (região do lago de Furnas). É sobre esta região que serão abordados, neste tópico, aspectos históricos, étnicos, sociais e culturais de sua presença indígena, além da relação dos indígenas com o espaço regional.

A presença indígena nesta região é antiga, como atestam objetos ligados a tal presença (os objetos indígenas do Museu Municipal de Varginha, por exemplo, são estimados em 500 anos). Sabe-se, através de Vilela (s/d) e Veiga (1874, p. 395 e 411),

que indígenas se organizavam, no século XVII, onde hoje são Pouso Alto e Baependi. Guimarães (1985, p. 7-13; 1998; 2000, p. 7-15), Teixeira (2013, p. 66) e Lefort (1993, p. 50) também relatam sobre presença indígena anterior a chegada dos colonizadores. Guimarães (in COSTA e MOURA, 2019, p. 125-139) aborda presença indígena em Itanhandu. Quanto aos povos que estiveram presentes na região, há uma série de relatos em vários autores.

Guimarães (1985, p. 10; 2000, p. 10) e Teixeira (2013, p. 66), por exemplo, falam da presença de indígenas dos povos Puri e Coroado nas regiões de Itajubá e Cristina. O povo Puri também tem sua presença na Serra da Mantiqueira apontada por Paranhos (2005, p. 17). Sobre este povo, sua história e cultura é explanada por Puri e Puri (2019), que fazem uma relação de elementos culturais e históricos do povo. Loukotka (1937, p. 158) afirma que o nome Puri vem da língua dos Coroado, significando “bandido”; Puri e Puri (2019, p. 2), quanto a origem do nome de seu povo, corroboram o relato de Loukotka sobre o nome vir da língua dos Coroado, mas divergem a respeito do significado, dizendo que Puri significa “ousado”.

Além do povo Puri, Souza (1950, p. 8) e Vilela (s/d) falam da presença de Cataguá na região da Mantiqueira, assim como Guimarães (in COSTA e MOURA, 2019, p. 127). Souza fala dos Cataguá na região de Itanhandu e Itamonte; Vilela fala dos Cataguá em Pouso Alto. No entanto, Paranhos (2005, p. 17-18) diverge dos autores, apontando apenas os Puri nas regiões mencionadas. A presença Cataguá é atestada na região do rio Verde, conforme informações do Museu Municipal de Varginha (Minas Gerais), em sua exposição de peças indígenas. Segundo Lefort (1996, p. 16), os Cataguá entraram em conflito com os bandeirantes e chegaram a ser escravizados.

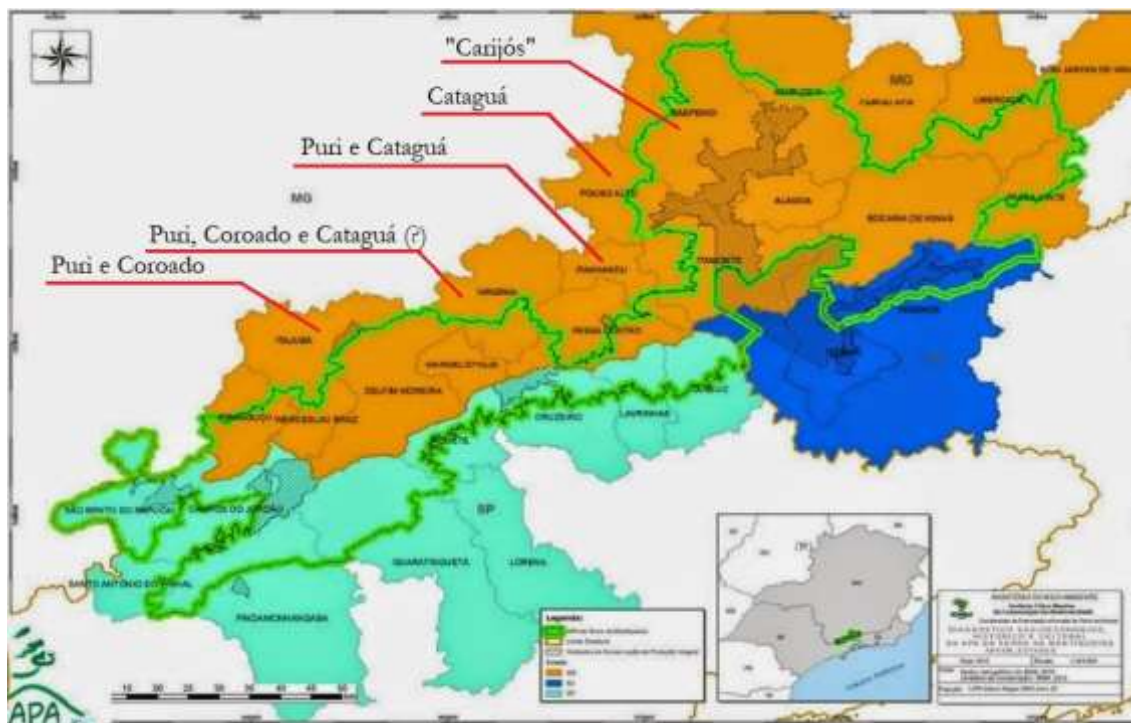
Registros paroquiais, como os de Baependi (1723-1745), mencionam o termo “carijó” para se referir a grupos indígenas da região. No entanto, sabemos que “carijó” é um termo genérico, referindo-se a vários grupos (MONTEIRO, 1994, p. 53). Mesmo assim, a menção atesta uma presença indígena que se integrou à dinâmica

colonial. Para refletir sobre isto, temos as contribuições de Monteiro (1994, p. 159-175) – com o conceito de “integração” – e Resende (2003, p. 3) – com o conceito de “índios coloniais”:

A integração, em John Manuel Monteiro, é apresentada como algo que ocorre muito além do contato entre indígenas e não-indígenas, no sentido de um grupo saber da existência do outro e estabelecer laços políticos e econômicos. O processo de integração inclui e supõe, principalmente, um contato sociocultural no qual, mesmo com conflitos de quaisquer naturezas, todos os grupos envolvidos se encontram influenciados por aspectos culturais uns dos outros, podendo adaptar estes aspectos conforme necessidades históricas, sociais, políticas, econômicas, entre outras. Entendida assim a ideia de integração, resgata-se para os indígenas o protagonismo que tiveram na formação histórica do Brasil e, especificamente, das diversas regiões e localidades brasileiras que tiveram ou têm presença indígena. [...]

O conceito [de índios coloniais] se refere a indígenas que, sendo agentes históricos, deram novo significado a suas culturas diante das transformações ocorridas, em especial o contato com não-indígenas. (GUIMARÃES, 2019)

FIGURA 2 – Povos indígenas da região da Mantiqueira e início do rio Verde²



² As informações de povos se baseiam no que foi encontrado, até agora, nas pesquisas sobre a região. De oeste para leste, os municípios com as linhas vermelhas apontadas são Itajubá, Virgínia, Itanhandu, Pouso Alto e Baependi.

FONTE DO MAPA: <<http://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/aiuruoca/serra-da-mantiqueira>>
Acesso em: 12.dez.2019. Acréscimo das linhas vermelhas e nomes de povos: Gustavo Uchôas Guimarães.

A partir do citado acima e de evidências em documentos – além dos paroquiais mencionados há pouco, temos outros que serão mencionados e analisados *a posteriori* – temos um processo histórico de integração dos indígenas às novas dinâmicas sociais na região da Mantiqueira e do rio Verde. Por exemplo, o relato de Domingos Pereira da Silva (GUIMARÃES, 2018) afirma que, até o início do século XX, a zona rural de Virgínia tinha agrupamentos indígenas que conviviam com não-indígenas, inclusive com casamentos entre eles e com divisões de terras entre os moradores da localidade.

Em Pouso Alto, cujo território incluía Virgínia na primeira metade do século XIX, a lista nominativa de 1839 (VILELLA, s/d) aponta centenas de moradores intitulados “da terra”, exemplificando, mais uma vez, o processo de integração pelo qual passaram os indígenas da região. Uma breve análise desta lista nominativa aponta que os indígenas presentes em Pouso Alto tinham nomes comuns dos ambientes culturais europeu e cristão (Antônio, Maria, José, etc), além de exercerem diversas atividades econômicas e profissionais³. Outro detalhe é que, na referida lista nominativa, muitos dos moradores “da terra” aparecem em sequência, apontando que, provavelmente, morassem nas mesmas ruas ou em ruas próximas. Também é notável a ocorrência de alguns moradores de Pouso Alto, classificados como “da terra”, que tinham escravos⁴ ou que eram casados com pessoas brancas⁵.

³ Podemos citar, por exemplo: Narciso, feitor na propriedade do capitão Custódio José Barbosa; Custódio Fagundes e Mariano do Prado, jornalheiros; Reginaldo Alves, negociante; os demais moradores especificados como “da terra” eram agricultores. Ou ainda, podemos citar casos peculiares de moradores “da terra” que não exerciam atividades profissionais: Manoel Pinto, qualificado como “vadio”; e Domingos Ribeiro, qualificado como “lázaro” (leproso).

⁴ Caso de Fortunato dos Santos, em cuja casa moravam cinco livres (todos “da terra”, inclusive o próprio Fortunato) e três escravos de sua propriedade.

⁵ Por exemplo, Joaquim Antônio de Freitas, “da terra”, casado com Vitoriana Maria, branca. Os 6 filhos aparecem como brancos na lista nominativa.

Na segunda metade do século XIX, há notícias de indígenas na zona rural de Virgínia, conforme relato de Domingos Pereira da Silva (GUIMARÃES, 2018). A localidade a qual ele se refere, em seu relato, se chama Marques, sendo este o sobrenome de uma família de indígenas que morava no local. O próprio Domingos (1921-2018) era neto de uma indígena, da família Honório, casada com um imigrante português que morava em Virgínia. Na virada do século XIX para o XX, o aumento da presença de não-indígenas no bairro dos Marques teria ocasionado conflitos, resolvidos, de acordo com Domingos, pelo poder público municipal.

A partir destes dados e análises sobre aspectos étnicos, sociais e históricos, também é possível pensar e discutir a relação dos indígenas na Mantiqueira e vale do rio Verde com o território onde viviam ou passavam. Para isto, importa destacar e definir alguns conceitos:

- Territorialidade: "esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu 'território'" (LITTLE, 2002, p. 3).

- Processo de territorialização: "movimento pelo qual um objeto político-administrativo - [...] no Brasil as 'comunidades indígenas' - vem a se transformar em uma coletividade organizada, formulando uma identidade própria" (OLIVEIRA, 1998, p. 56).

- Cosmografia: "saberes ambientais, ideologias e identidades - coletivamente criados e historicamente situados - que um grupo social utiliza para estabelecer e manter seu território" (LITTLE, 2002, p. 4).

- Povos tradicionais: Little (2002, p. 22-23) aborda este conceito sob o ponto de vista empírico - grupos sociais que, ao longo da História, desenvolvem variadas formas de organizar a propriedade e se relacionar com o espaço que ocupam e com o qual se identificam - e sob os pontos de vista político e social - o conjunto de grupos

que, ocupando um território há mais tempo, resiste à tomada deste território pelo Estado e/ou grupos sociais ligados a ele.

Entendendo, à luz destes conceitos, os grupos indígenas da Serra da Mantiqueira (incluindo o percurso inicial do rio Verde), temos algumas considerações a respeito da forma como tais grupos se relacionavam com o território e que transformações ocorreram nestas relações.

No caso dos Puri, por exemplo, Puri e Puri (2019, p. 2) apontam que a sua territorialidade abrangia um espaço físico correspondente a partes dos atuais estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, incluindo a Serra da Mantiqueira. Os autores se referem a toda esta região como "território tradicional" dos Puri, o que nos permite tratar os Puri como povo tradicional, de acordo com o conceito acima definido, considerando que o povo Puri, neste espaço, desenvolveu formas de identificação e relação⁶, além de ter sofrido a interferência do Estado que se apossou de seu território através de diversos agentes⁷.

A partir do contato com os colonizadores, os Puri e os demais grupos indígenas da Serra da Mantiqueira se veem diante de novos processos de territorialização, revendo e adaptando suas identidades próprias. Estas identidades indígenas não se perderam, mas se transformaram a partir dos elementos culturais com as quais entraram em contato. Pensar esta realidade histórico-cultural nos remete ao conceito de integração, tal como apresentado por Monteiro (1994, p. 159-175) e explicado nas páginas anteriores, de índios coloniais, tal como apresentado por Resende (2003, p. 3) e também explicado anteriormente, e de resistência adaptativa, que Almeida (2000, p. 11) define, referindo-se a Steve Stern, como a maneira que indígenas encontraram para "sobreviver e garantir melhores condições de vida na

⁶ Por exemplo, tomando como objeto sagrado a árvore da acaiaca, comum na vegetação regional, e enterrando mortos nas proximidades de sapucaias (estas árvores, inclusive, são referências para os Puri descreverem o pós-morte).

⁷ Entre estes agentes ligados ao Estado, podemos destacar, no contexto da Mantiqueira, os bandeirantes e a Igreja.

nova situação em que se encontravam". Pensando tudo isto em termos práticos, temos como exemplos: grupos Coroados enterrando seus mortos conforme as próprias tradições, mesmo ao aceitarem se tornar católicos (PURI e PURI, 2019, p. 6); grupos Puri passando a sepultar seus mortos em grutas ao invés de sepultar aos pés das árvores (*idem*, p. 22), para evitar profanações da parte dos colonizadores; indígenas de diversos grupos sendo batizados e se casando com brancos e negros (PARÓQUIA SANTA MARIA, 1723-1745); entre outros.

Quando o Estado português, através de seus agentes, se impôs sobre os territórios indígenas na Mantiqueira, houve também uma interferência na cosmografia dos povos que ali viviam ou passavam. Aqui, podemos citar o caso do Vale do Matutu, que se situa no município de Aiuruoca, porém próximo a divisa com Baependi. De acordo com tradições locais (MENEZES, 2017, p. 3; MENDES, 2018), o Vale do Matutu era ponto de peregrinação de indígenas, o que aponta um elemento cosmográfico relacionado a identidade e ao saber (ambos, neste caso, espirituais) para promover uma unidade sociocultural em determinado território. Também vale mencionar, como elemento da cosmografia indígena, o estabelecimento de grupos Puri ao longo da Mantiqueira para a colheita de pinhões (PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE, s/d).

3. Possibilidades de pesquisas

Ao publicar o livro *Histórias e culturas indígenas na Mantiqueira e vale do rio Verde*, propus reflexões acerca dos caminhos a serem tomados e tópicos a serem enumerados para organizar melhor os próximos passos da pesquisa sobre a História Indígena em Virgínia e seus arredores. Dentre as possibilidades que a pesquisa vem apresentando e que podem ser melhor exploradas *a posteriori*, estão:

Aprofundamento das buscas em arquivos

O processo de pesquisa tem apresentado referências a documentos que ainda não foram explorados por este pesquisador. Por exemplo, o relato de Domingos Pereira da Silva encaminhou a necessidade de uma pesquisa mais acurada nos arquivos cartoriais de Virgínia. O único cartório da cidade tem um acervo com documentação referente a diversas transações envolvendo terras (herança, partilha, compra, venda, etc), datada desde a década de 1860. Outro caso envolve os registros sobre moradores classificados como “da terra” ou com outras nomenclaturas que remetem aos indígenas, levantando a necessidade de aprofundamento em listas nominativas e informações de censos realizados, principalmente, no século XIX e início do XX. Além disso, a referência ao nome Caatheica (rio Caetê, o principal de Virgínia) em um documento de doação de sesmaria (1710) ocasiona a necessidade de aprofundamento nas pesquisas em documentação similar no Arquivo Público Mineiro.

Aprofundamento da pesquisa oral

A pesquisa sobre a presença indígena na região da Mantiqueira e rio Verde terá, em seus próximos passos, um número maior de entrevistas com pessoas que podem dar pistas para a compreensão desta presença. O relato de Domingos Pereira da Silva abriu um ciclo no qual pesquisas documentais e orais se complementam, ou seja, o relato abre possibilidades para a busca de documentos e estes provocam a necessidade de buscar mais relatos.

Outras questões

Em *Histórias e culturas indígenas na Mantiqueira e vale do rio Verde*, são levantadas algumas possibilidades para os próximos passos das pesquisas:

- Qual a relação dos indígenas da zona rural virginense com as instituições sediadas no meio urbano (instituições políticas e religiosas, principalmente)?
- Além do bairro Marques, havia indígenas em outros pontos do atual território virginense?
- Ainda existe documentação referente às partilhas de terras feitas pelo poder público municipal no bairro Marques?
- Como era feito o trabalho religioso junto a estes indígenas?
- Onde estão os indígenas de Virgínia? [...]

Sobre a última pergunta acima colocada – “Onde estão os indígenas de Virgínia?” –, espera-se abrir um caminho de possibilidades através do estudo das obras de John Monteiro, rejeitando a ideia de um “desaparecimento” e analisando a possibilidade de uma “integração”. Este ainda é um campo aberto de possibilidades a serem levantadas e analisadas e que determinarão os próximos passos da pesquisa. (GUIMARÃES, 2019)

Considerações finais

O trabalho de resgate e valorização da História Indígena sul-mineira é um caminho aberto para pesquisadores e tende a aumentar na medida em que se avolumam as produções no meio acadêmico. Nos casos específicos da Serra da Mantiqueira e do rio Verde, as pesquisas desenvolvidas por mim, desde 2015, têm confrontado relatos de memorialistas, relatos orais e documentos que atestam a presença indígena regional e oferecem possibilidades para compreender as dinâmicas sociais e culturais desta presença.

Nas regiões especificadas neste artigo, temos notícias de povos Puri, Coroado e Cataguá, havendo discussões sobre características destes povos (caso dos Cataguá, por exemplo, a respeito de sua etnicidade) e com a possibilidade das pesquisas trazerem notícias sobre outros grupos. A respeito disto, a análise de documentação das paróquias da região mineira da Mantiqueira (caso das paróquias de Campanha, Baependi e Aiuruoca, as mais antigas da região) mostra a presença de grupos indígenas originários de São Paulo⁸.

⁸ Ainda me debruçarei mais detidamente sobre estes documentos paroquiais.

Estes grupos indígenas tiveram um contato com os colonizadores que pode ser entendido à luz do conceito de integração. Na Serra da Mantiqueira, há notícias de conflitos e escravização de indígenas, mas também vemos elementos culturais indígenas e não-indígenas interagindo entre si e dinâmicas sociais variadas – por exemplo, batismos de indígenas (PARÓQUIA SANTA MARIA, 1723-1745) e casamentos entre indígenas e não-indígenas (GUIMARÃES, 2018; VILELLA, s/d).

No que se refere ao relacionamento com o território abrangido por esta pesquisa, constatamos, entre os povos tradicionais a presença de elementos de cosmografia (saberes e identidades para estabelecimento no território), processos de territorialização (definição e redefinição de identidades conforme o contato com os colonizadores) e territorialidade (esforços e ações para ocupar um espaço físico).

Os relatos sobre estes indígenas os negligenciaram em nome de uma perspectiva eurocêntrica, de valorização do colonizador, como podemos ver nos diversos escritores memorialistas que abordaram, em seus escritos, as localidades presentes na área aqui pesquisada e analisada: Bernardo Saturnino da Veiga, Luís Barcellos de Toledo, Monsenhor Lefort, entre outros. Em suas abordagens, destacam-se características que autores do meio acadêmico apontam como comuns nos relatos, tais como o protagonismo do colonizador, a visão do indígena como mão-de-obra, obstáculo a colonização ou objeto de catequese e a desvalorização da pluralidade cultural (FERNANDES, 2010, p. 1; RESENDE, 2011, p. 1; ALMEIDA, 2012, p. 22, e 2017, p. 19).

Com tudo isto, podemos aprofundar as pesquisas e continuar os trabalhos para dar visibilidade aos indígenas da Mantiqueira e resgatar seu protagonismo na formação histórica sul-mineira.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 37, n° 75, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/2017nahead/1806-9347-rbh-2017v37n75-02.pdf>> Acesso em: 18.out.2018.

_____. **Os índios aldeados no Rio de Janeiro colonial: Novos súditos cristãos do Império Português**. 2000. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280430> Acesso em: 23.dez.2019.

_____. **Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo**. Revista História Hoje, v. 1, n° 2, p. 21-39, 2012. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/download/39/29>> Acesso em: 18.out.2018.

FERNANDES, Renata Silva. **Indígenas na historiografia mineira: estudo de caso**. Anais do XX Encontro Regional de História, UNESP/Franca, set.2010. Disponível em <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Pain%20E9is/Renata%20Silva%20Fernandes.pdf>> Acesso em: 02.jun.2018.

GUIMARÃES, Armelim. **História de Itajubá**. Itajubá: Edição do autor, 1985.

_____. **Itajubá e sua história**. São José dos Campos: Edição do autor, 1998.

_____. **Resumo didático da história de Itajubá**. São José dos Campos: Papercrom, 2000.

GUIMARÃES, Gustavo Uchôas. Histórias e culturas indígenas na educação básica: sugestões de abordagem nas escolas de Itanhandu/MG. In: COSTA, Antônio Marcos Foureaux; MOURA, Dayvison Bandeira de (org.). **Caleidoscópio pedagógico, diferentes olhares: práticas, concepções e educação inovadora**. Lisboa: Lisbon International Press, 2019. Pág. 125-139.

_____. **Histórias e culturas indígenas na Mantiqueira e no vale do rio Verde**. Timburi: Companhia do Ebook, 2019.

_____. **Indígenas em Virgínia/MG: memória da presença no relato de um morador**. Anais da XVI Semana de História da Universidade Federal de São João Del Rei, 2017, p. 119-125. Disponível em: <<https://drive.google.com/fi->

le/d/1ykw3KqeXBkEwvbX9OtaghpxtXd9HDcNp/edit> Acesso em: 18.set.2018.
Publicado em: set.2018.

LEFORT, Monsenhor José do Patrocínio. **A Diocese da Campanha**. Campanha: 1993.

_____. O sul de Minas e as bandeiras. In: PREFEITURA MUNICIPAL DA CAMPANHA. **Campanhenses ilustres**. Campanha: 1996. Volume nº 8.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série *Antropologia*, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, nº 322, 2002. Disponível em: <<http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie322empdf.pdf>> Acesso em: 01.jan.2020.

LOUKOTKA, Cestmir. **La família linguística Coroado**. In: **Journal de la Société des Américanistes**, tomo 29, nº 1, 1937, p. 157-214. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_1937_num_29_1_1952> Acesso em: 01.dez.2019.

MENDES, Gabriela. **Uma viagem por Aiuruoca e o Vale do Matutu, em Minas Gerais**. Disponível em: <<https://bloggiramundo.com/2018/06/05/o-que-fazer-matutu-aiuruoca-dicas-viagem-minas-gerais/>> Acesso em: 04.jan.2020. Publicado em: 05.jun.2018.

MENEZES, Cristiana. **Celebrando o outono**. Disponível em: <<http://www.cristianamenezes.com.br/wp-content/uploads/2017/01/Celebrando-o-Outono-Matutu-2017.pdf>> Acesso em: 04.jan.2020.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. Revista Mana, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, abr.1998, p. 44-77. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v4n1/2426.pdf>> Acesso em: 02.jan.2020.

PARANHOS, Paulo. **Primeiros núcleos populacionais no Sul das Minas Gerais**. Revista Histórica, São Paulo, nº 3, 01.dez.2005. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao07/materia03/>> Acesso em: 05.jun.2015.

PARÓQUIA SANTA MARIA (BAEPENDI). **Livro de batismo**. 1723-1745.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RESENDE. **História da cidade**. Disponível em: <<http://www.resende.rj.gov.br/historia/>> Acesso em: 03.jun.2018.

PURI, Daniel Tutushamum; PURI, Mery Txama Xambé. **Txemím Puri**. Evento *Abril Indígena da Aldeia Maracanã*, Rio de Janeiro, 14.abr.2019.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. **Gentios brasílicos: índios coloniais em Minas Gerais setecentista**. 2003. 388p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280439>> Acesso em: 12.out.2018.

_____. **Minas do ouro, Minas indígena**. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2011D01.pdf> Acesso em: 01.out.2018. Publicado em 2011.

RESENDE, Maria Leônia Chaves *et al* (Org.). **Mundos Nativos: culturas e história dos Povos indígenas**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

SOUZA, Heitor Antunes. **Esboço histórico dos municípios de Itanhandu e Itamonte**. Itamonte: Gráfica São José, 1950.

TEIXEIRA, Luiz Gonzaga. **Cristina**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Almanach Sul-Mineiro para 1874**. Campanha: Typographia do Monitor Sul-Mineiro, 1874.

VILELA, Luiz Alexandre Guimarães. **Pouso Alto – Relicário da história de Minas, sentinela da legalidade**. Disponível em: <<http://www.pousoalto.net/relicario.htm>> Acesso em: 21.dez.2014.

VILELLA, Moacyr. **Censos**. Disponível em: <<http://www.projetocompartilhar.org/Censos/1839PousoAltoMG.pdf>> Acesso em: 01.dez.2019. Mapa estatístico e população do distrito de Pouso Alto.